



“There is a fifth dimension, beyond that which is known to man. It is a dimension as vast as space and as timeless as infinity. It is the middle ground between light and shadow, between science and superstition and it lies between the pit of man’s fears and summit of his knowledge. This is the dimension of imagination. It is an area we call The Twilight Zone.”<sup>2</sup>

A narração inicial da primeira temporada de *The Twilight Zone* (Além da Imaginação, no Brasil) diz muito sobre a série. Vasta como o espaço e atemporal como o infinito, a quinta dimensão - que se encontra entre a luz e a sombra, a ciência e a superstição, o medo e o conhecimento - é uma área onde o inimaginável pode acontecer.

Criada por Rod Serling, a série foi ao ar pela primeira vez em 1959 e, mesmo encontrando dificuldades, chegou ao seu quinto ano e foi finalizada em 1964, pela emissora norte-americana CBS. Composta por 156 episódios independentes e curtos - 25 minutos -, a antologia é bem mais do que suas histórias muitas vezes bizarras e plot twists finais.

Um dos fatores que torna a série tão interessante é o fato de Rod Serling saber que não precisa de efeitos especiais extravagantes, gigantescos cenários futurísticos, naves espaciais, laboratórios ou alienígenas assustadores para construir suas histórias. Histórias essas que, muitas vezes, são incrivelmente aterrorizantes. Isso se deve ao fato de que, sabiamente, não só Serling, como também todos os outros roteiristas da série, muitas vezes retratam a raça humana como os maiores vilões.

Isso fica bastante claro no episódio *The Monsters Are Due On Maple Street* (Os monstros se encontram na rua Maple). Nesse episódio, uma rua fica completamente sem tecnologia: eletricidade, carros, telefones... nada funciona. Após ver o que acreditam ser um meteoro no céu, os moradores se reúnem para decidir o que fazer. Um garoto, então, conta que leu uma história sobre aliens que se infiltram como uma família humana normal e são os responsáveis por uma “paralisação das máquinas”.

---

<sup>1</sup> Bem vindo a Twilight Zone

<sup>2</sup> Há uma quinta dimensão além daquelas conhecidas pelo homem. É uma dimensão tão vasta quanto o espaço e tão desprovida de tempo quanto o infinito. É o espaço intermediário entre a luz e a sombra, entre a ciência e a superstição; e se encontra entre o abismo dos temores do homem e o cume de seus conhecimentos. É a dimensão da

A partir daí, o caos começa a se instaurar lentamente. Os moradores começam a trocar insultos e um acusa o outro de não ser quem diz ser. As coisas evoluem rápido e, ao anoitecer, um dos homens mata uma sombra no fim da rua, que se revela ser apenas um vizinho que foi buscar ajuda. A cena final revela o plot twist: ao observarem tal situação, os reais alienígenas discutem sobre o quão bem sucedido foi seu plano e como todos os humanos são iguais.

“Just stop a few of their machines, and radios, and telephones, and lawnmowers... throw them into darknesss for a few hours and watch the pattern (...) They pick the most dangerous enemy they can find, and it’s themselves. All we need to do is sit and watch (...) we’ll let them destroy themselves.”<sup>3</sup>

Ao final desse mesmo episódio, Serling narra como não é apenas a bomba ou a guerra que traz tais consequências, mas também pensamentos, atitudes, suspeitas e preconceitos. “Prejudices kill” (preconceitos matam). Faz muito sentido em sua época - dentro do contexto americano desde a guerra fria às lutas raciais -, mas continua sendo atual: preconceitos matam.

Já em *To Serve Man* (Para servir homem), o representante de uma raça alienígena chega a Terra com uma proposta tentadora: soluções para problemas como a fome e visitas entre os dois planetas. Em frente a isso, a raça humana se vê querendo aceitar, é claro. E diante de um livro deixado pelo alienígena, cuja única tradução conseguida rapidamente foi a do título “To Serve Man”, um acordo é feito. E o twist desse episódio é tão genial que eu não vou contar. Mas mesmo contando com um ser não-humano que tem segundas intenções, a ideia final pode ser interpretada dentro da nossa realidade: poder e aparentes boas intenções nem sempre são confiáveis.

No episódio *Number 12 Looks Just Like You* (Número 12 parece com você), numa sociedade do futuro - no anos 2000 -, as pessoas

---

<sup>3</sup> Apenas pare algumas de suas máquinas, e rádios, e telefones, e máquinas de cortar grama... jogue-os na escuridão por algumas horas e observe o padrão (...) Eles escolhem o inimigo mais perigoso que podem encontrar, e é eles mesmos. Tudo o que temos que fazer é sentar e assistir (...) nós deixaremos que destruam a si mesmos.

se sujeitam a uma cirurgia plástica que as transforma num corpo previamente escolhido em um catálogo. Cinturas finas, cabelos perfeitos, rostos simétricos e agradáveis. Aqui, vejo um outro tipo de personagem recorrente na série. Ao contrário do homem que é seu próprio pior inimigo, a personagem principal desse episódio é uma mulher que luta contra uma norma imposta a ela. Ela luta, mas não termina bem.

O mesmo pode ser observado em *The Obsolete Man* (O homem obsoleto), em que um bibliotecário é considerado obsoleto pelo estado totalitário sob o qual vive e, por isso, deve ser executado. A sua luta é muito mais intelectual e psicológica do que física, o que condiz com o personagem, e, mesmo também não terminando bem, ele consegue provar um ponto: um Estado que não reconhece o valor, a dignidade e os direitos do homem é um Estado obsoleto, como afirma o narrador no início do episódio.

Uma das coisas que mais me fascina em *The Twilight Zone* é a sua simplicidade. Em preto e branco, os episódios raramente se passam em mais de uma ou duas locações e mais raramente ainda contam com efeitos extravagantes. A capacidade que a série tem de transformar cenários mundanos - casas, apartamentos, ruas, cafés, lojas - em locais propícios a coisas anormais é notável. Um dos maiores exemplos dessa simplicidade é o episódio *The Invaders* (Os invasores): uma nave pousa na casa de uma senhora. Ela tenta destruir os minúsculos astronautas que saem da nave. E é isso. Quase não há diálogo ou ação outra que a luta. São mais de 20 minutos apenas de uma pessoa lutando pela sua vida e em momento algum isso se torna cansativo. Pra melhorar, ainda tem um plot twist final que, mais uma vez, questiona quem é o verdadeiro vilão.

No entanto, a série não deixa de apresentar problemas eventualmente. Muitas das surpresas finais são previsíveis ou clichês (ela estava morta o tempo todo, era só um sonho, etc). Mesmo assim, alguns episódios com final previsível têm bastante impacto, como *The Eye of the Beholder* (Os olhos de quem vê)- que denuncia seu final pelas escolhas de câmara que, por mais de 20 minutos, não mostra o rosto de nenhuma personagem -, mas possui um final que mesmo não sendo tão surpreendente, funciona.

Alguns clichês também são retrabalhados, como a famosa saída fácil

**Welcome to the Twilight Zone**  
por Gabriela Quadros

do “era só um sonho”, que se torna interessante em episódios como *The Midnight Sun* (O sol da meia noite) e *Person or Persons Unknown* (Pessoa ou pessoas desconhecidas), nos quais a realidade (que não é um sonho) também se apresenta anormal e aterrorizante.

Como boa parte das ficções científicas, o principal interesse da série passa longe da ciência. O maior mérito da série é como aborda temas tão inerentes à condição humana: o medo, a paranoia, a solidão, a necessidade de uma identidade e de aceitação.

Próxima parada: The Twilight Zone.

Por Gabriela Quadros